

A ARTE chinesa durante a guerra

Enquanto a guerra segue o seu curso, por cada golpe recebido, por cada ocupação sofrida, o povo chinês vai tomando consciência de si. Até há poucos meses, a China era uma amálgama onde seria impossível distinguir um sentido nacional. Foi a guerra, com toda a sua injustiça e a sua barbaridade, que uniu o seu povo numa mesma vontade — resistir à invasão —, e nela se está forjando um novo espírito e uma nova concepção da vida.

Entre as várias manifestações desta consciência que se desenvolve, avulta pelo seu carácter cultural numa exposição, recentemente realizada em Paris, de arte chinesa.

Transcrevemos de Beaux Arts:

«Esta exposição não mostra nem jades, nem porcelanas, nem bronzes, nem é uma reedição dos temas arcaicos, pitorescos ou fantásticos, da pintura tradicional.

A arte chinesa é-nos revelada, aqui, sob aspectos ainda desconhecidos da Europa,

Os desenhos, cartazes, gravuras e aquarelas, reunidos pelos Amigos do povo chinês sob o patrocínio de alguns escritores e pintores (Friesz, Gromaire, Lurçat, Marquet, Aragon, Malraux e Masereel), são testemunhas extremamente interessantes de uma cultura nova nascida de uma evolução com menos de vinte anos, nascida, sobretudo, da guerra actual, sofrida pela China.

Todos os elementos desta exposição, até os desenhos de crianças e os abecedários prova uma impregnação de realismo ocidental. Mas nesta arte nova de artistas em armas, nesta expressão de uma realidade estritamente de hoje, subsistem os sinais eternos do génio da raça. Se o mais notável desenhador é Jack Chen, os aquarelistas Lee Byng, Hong Chen, e dez outros são, também, com méritos diversos, criadores verdadeiramente pessoais.»

O CINEMA chinês na guerra

por JACK CHEN,
da Federação Nacional dos Artistas Chineses

90 % da indústria cinematográfica chinesa estava concentrada em Shangai quando esta cidade foi cercada pelos invasores japoneses, em agosto de 1937. Esta indústria tinha apenas seis anos. Receava-se muito que fôsse destruída pelos japoneses. O exército chinês conteve em respeito o invasor durante semanas e, durante esse tempo, o precioso material dos estúdios foi transportado para lugar seguro, para longe da cidade, para o sul, Cantão e Hong-Kong, ou, subindo o rio Yang-Tsé, para Hankeu e Chung-King.

Depois, quando Nankim parecia igualmente condenada, os estúdios centrais da Repartição de Propaganda do Kuomitang, que eram dos melhor apetrechados da China, foram também transportados para Hankeu. Mas durante o transporte, os estúdios continuaram o seu trabalho, consagrado à reportagem das primeiras grandes batalhas da guerra. Com isto fizeram muito para criar um espírito de confiança entre os chineses, mostrando-lhes o seu novo exército do ar e as suas tropas de acção contra o invasor.

Realizaram-se poucos filmes novos com cenário, mas os documentários do «batalhão condenado», do primeiro raíd aéreo chinês sobre o Japão, do terrível combate em volta de Shangai, da fuga de milhões de refugiados, mostravam o próprio drama da vida.

Toda a indústria foi rapidamente reorganizada e racionalizada para poder estar à altura das dificuldades da guerra. As doze sociedades existentes reuniram-se em dois grandes estabelecimentos: O Estúdio Central em Hankeu, e a Corporação Cinematográfica da China em Chung-King e Hong-Kong. Não obstante todas as dificuldades estes dois estabelecimentos realizaram dez filmes de grande metragem no primeiro ano, de numerosos documentários e de pequenas reportagens e muitos desenhos animados.

Entre os filmes que tiveram mais sucesso, citaremos a versão romancada do «batalhão condenado»; a «Luta até ao fim», peça heroica sobre a defesa de Shangai; e «O Supremo Sacrifício». Todos os novos filmes se referem aos diversos aspectos da guerra.

Os estúdios centrais também colaboraram com o célebre realizador holandês Joris Yvens, que fez a «Terra de Espanha» para o seu novo documentário sobre a China durante a guerra.

Este filme está a concluir-se actualmente na América e aparecerá em breve.

Antes da guerra contava-se na China uma dúzia de estúdios, que, em 1936, produziram mais de 50 filmes. Mais de metade das salas de projecção estavam em Shangai; o resto em Cantão, Hankeu, Nankin, Peiping e Tientsing. A perda destas cidades foi, de facto, um terrível golpe para a indústria cinematográfica chinesa.

Os estúdios estão agora concentrados em Chungking, Hong-Kong e Kunming. Tirou-se partido da perda material em aparelhos de produção e no domínio da projecção: dedicou-se a atenção principalmente sobre o desenvolvimento dos cinemas ambulantes, montados em camions e que operam nas regiões vizinhas de Hankeu, de Siam, de Changssa, Cantão, Chungking e Kunming. Presentemente têm mais espectadores do que os grandes cinemas das grandes cidades do litoral já mais tiveram.

Por esta forma o cinema chinês adaptou-se às circunstâncias dos tempos de guerra e à tática de guerrilhas.

As perdas japonesas elevam-se a mais de um milhão de homens

De 7 de Julho de 1937 a 10 de Outubro de 1938, os japoneses mobilizaram 1.645.000 homens para as operações militares na China. Durante 15 meses de hostilidades, um grande número de soldados japoneses foram mortos ou feridos. Calcula-se que 500.000 soldados japoneses morreram em combate ou por doenças nestes 15 meses de guerra.

Se se admite que o Japão pode mobilizar um total de 2.145.000, pode enviar ainda 505.000 para os campos de batalha na China. Estas forças durarão o máximo um ano. Entretanto a China põe em pé de guerra 2.200.000 homens, compreendendo 100 mil do exército vermelho. Pelo menos podem ser mobilizados, na China, para continuar a resistência 47.600.000 homens.

Doutro lado, impõe-se assinalar que devido à mobilização dos homens chamados ao exército, 665.000 camponeses válidos japoneses abandonam as terras; 665.000 operários qualificados as suas fábricas, e as companhias de serviços e comunicações japonesas foram privadas de 327.000 homens. Por causa da suspensão na fição e tecelagem de algodão, assim como doutras fábricas, consequência do decreto de mobilização, assinala-se o desemprego de 2 milhões de pessoas em 1938. Se tomarmos em conta as famílias destes trabalhadores desempregados, 6 milhões tem de fazer face ao grave problema da sua subsistência.

Além disto o governo japonês deve subvencionar 2.140.000 soldados e os 3 milhões de membros da sua família. «O incidente chinês torna-se ameaçador para o Japão.»

De: «Chine»,

«O Diabo»

Grande semanário de literatura
e crítica.

Publica em todos os números: Ensaio, literatura de ficção, páginas de antologia, movimento de ideias, cultura científica, economia; crítica de livros, teatro, artes plásticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, «Coisas de «O Diabo», etc.

